

DAS TELAS PARA AS RUAS: O ENVOLVIMENTO POLÍTICO DE *THE HANDMAID'S TALE* COM A ATUALIDADE**Alusk Maciel Santos¹
Gilmar Santana²****RESUMO**

No ano de 2017, a Hulu estreou para os seus assinantes a primeira temporada da série *The Handmaid's Tale* (O Conto da Aia), adaptação do livro homônimo da autora canadense Margaret Atwood. O enredo nos mostra uma realidade alternativa onde os Estados Unidos sofreram um golpe político, tornando-se um regime totalitarista teocrático conhecido por Gilead. O espectador acompanha a história da personagem June, percorrendo sua vida desde antes da instauração do novo Estado, até o momento presente de sua trama. A série rapidamente conquistou a crítica e o público ao trazer uma narrativa distópica repleta de simbolismos e elementos visuais que de certa forma dialogam com o atual momento de instabilidade sócio-política enfrentada por diversos países no mundo, como Brasil, Argentina, EUA, dentre outros. A produção, tornou-se parte da cultura das séries, que se desenvolveu ao longo dos últimos anos, e vem sendo constantemente alimentada com as novas produções e plataformas de *streaming*, como Netflix, Amazon Prime, HBO Go e outros. Diante disso, esse estudo buscou identificar os elementos que contribuíram para a produção de O Conto da Aia conquistar um lugar de destaque na cultura de massa atualmente, sendo inclusive referenciada em protestos, da mesma forma que aconteceu com V de Vingança (2005), e mais recentemente Coringa (2019).

Palavras-chaves: Distopia; Cultura; Indústria Cultural; Feminismo.

FROM SCREEN TO STREETS: THE HANDMAID'S TALE'S POLITICAL ACT IN PRESENT**ABSTRACT**

In 2017, Hulu debuted for its subscribers the first season of *The Handmaid's Tale*, adapted from the eponymous book by Canadian author Margaret Atwood. It depicts an alternate reality where the United States suffered a political coup, becoming a theocratic regime known as Gilead. The spectator follows the story of the character June, going through her life from before the establishment of the new republic, until the present time. The TV show has been quickly acclaimed by both critics and the public for

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda pela UFRN. alusk.ms@gmail.com.

² Professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Integrante do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS). gsfz@hotmail.com.

bringing a dystopian narrative full of symbolism and visual elements that somehow dialogue with the current moment of socio-political instability faced by several countries in the world, such as Brazil, Argentina, USA and others. The production has become part of the recent culture of the TV shows, which has developed over the last few years, and has been constantly fueled by new productions and streaming platforms such as Netflix, Amazon Prime, HBO Go, among others. This study sought to identify the elements that contributed to the production of *The Handmaid's Tale* to conquer a prominent place in mass culture today, being even referenced in protests, as happened with *V for Vendetta* (2005), and most recently *Joker* (2019).

Keywords: Dystopia; Culture; Cultural Industry; Feminism.

INTRODUÇÃO

As reflexões sobre o futuro e idealização do convívio em sociedade sempre permearam as ideias do homem ao longo da história, desde o berço da filosofia na Grécia Antiga, passando por *A Utopia* de Thomas Morus, até as visões caóticas de autores como George Orwell, Ray Bradbury e Aldous Huxley.

O cinema e a televisão passaram a explorar essa temática, através de adaptações e criações de novas obras, recheadas de efeitos especiais que aguçam a imaginação de seus espectadores, e conseqüentemente desenvolvem indagações, como podemos ver em algumas obras cinematográficas clássicas como *Blade Runner* (1982), *Matrix* (1999), *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968), *Mad Max* (1979), entre outros. Nos últimos anos, a popularização desse estilo está cada vez maior, principalmente com o progresso tecnológico trazendo novas ferramentas que se assemelham as idealizadas pelas distopias.

Dando continuidade a esse movimento, no ano de 2017, a companhia de conteúdo audiovisual por streaming, Hulu, estreou para seus assinantes a série *The Handmaid's Tale* (*O Conto da Aia* em português), a segunda adaptação do livro homônimo de Margaret Atwood, com sua primeira publicação em 1985. A primeira adaptação da obra aconteceu em 1990, pelo diretor alemão Volker Schlöndorff³.

A série vem conquistando relevância na atualidade devido a sua abordagem, trazendo elementos que dialogam com o atual momento sócio-político vivenciado em diversos países, como o fascismo, o extremo conservadorismo, a instabilidade política, a

³ No Brasil, o título do filme foi traduzido como “A Decadência de uma Espécie”.

sensação de insegurança e as migrações em massa. Somado a esses fatores, a dramaturgia traz fatores estéticos bastante acentuados, como a fotografia, caracterização dos personagens, planos de câmera e simbolismos trabalhando o imaginário dos seus espectadores juntamente com suas experiências de mundo individuais e coletivas.

Diante disso, a utilização dos elementos visuais que percorrem a trama, como a presença forte da cor vermelha, busca atrair a atenção do público e construir uma experiência voltada a transmissão de sensações e informações ao espectador, a partir de uma ideia de proximidade entre sujeito e objeto (AUMONT, 2017). Isso pode implicar diretamente na maneira em que o indivíduo apreende a realidade a sua volta.

O ser humano possui capacidade cognitiva para compreensão da exterioridade, não significando que haja uma uniformidade na produção de sentido (CASSIRER, 1994). Ou seja, cada pessoa interage com o meio à sua maneira, motivado por alguma razão ou princípio, o que acaba fazendo com que exista um viés ideológico presente nas interações sociais.

De acordo com o Terry Eagleton (1997), a conceituação do termo ideologia para Karl Marx seria como uma espécie de véu, impedindo de ver a realidade social de maneira clara e integral. Eagleton ainda cita os pensamentos de Marx referentes a câmara escura, comparando a percepção humana a uma câmera fotográfica, que captura a realidade ao seu redor sem deformidades, porém, dependendo do ponto de vista, objetos e fatores serão omitidos e/ou destacados (EAGLETON, 1997).

Isso pode ser percebido através de uma série de manifestações pela descriminalização do aborto, em meados de 2018, no Brasil e Argentina. Mulheres vestidas com trajes característicos da personagem principal de *The Handmaid's Tale* saíram às ruas para propagar suas opiniões o que despertou a atenção da mídia (ver figura 1).



Figura 1 – Mulheres em ato político em frente ao STF

Fonte: Site G1

No Brasil, o protesto ocorreu no dia 03 de agosto de 2018, em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal (STF), em relação a audiência pública que discutiu a legalização da interrupção da gravidez até a 12ª semana de gestação, fato atualmente passivo de detenção por até três anos, de acordo com o código penal brasileiro. No mesmo ano, nos Estados Unidos, uma manifestação semelhante aconteceu, protagonizada por mulheres que temiam a extinção de seus direitos pela indicação de Brett Kavanaugh para a suprema corte pelo presidente Donald Trump⁴.

Nesse contexto, o presente estudo possui como objetivo analisar a série *The Handmaid's Tale*, de uma forma geral, compreendendo os aspectos sociais presentes e os relacionando com as metodologias e teorias desenvolvidas por pensadores das ciências sociais e dos estudos da imagem. A partir dos dados obtidos, o estudo buscará compreender o elo entre a série e o atual contexto sócio-político, e como ocorre esse processo de interação.

AS SÉRIES COMO UM PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

⁴<https://veja.abril.com.br/mundo/em-caos-senadores-sabatinam-indicado-de-trump-para-a-suprema-corte/>. Acesso em: 30 out. 2019.

Os avanços tecnológicos iniciados desde a primeira Revolução Industrial, até a atualidade, acarretaram mudanças de comportamento na sociedade, implicando diretamente na forma de consumo e relacionamento, com os produtos e com outros indivíduos. Cada vez mais a indústria foi se apropriando de elementos estéticos como forma de captar a atenção e despertar desejo nos consumidores (LIPOVETSKY, 2015).

Diante disso, os teóricos da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno, Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros, foram influenciados pelo pensamento dialético e ensaios críticos de Karl Marx sobre o capitalismo e sua aplicabilidade na sociedade moderna (RÜDIGER, 2010).

Nesse contexto, Adorno, Horkheimer e Benjamin se destacaram perante seus estudos sobre a Indústria Cultural, principalmente com o advento da reprodutibilidade técnica que permitiu a comercialização da arte como um produto. Os filósofos teceram um olhar crítico para o que estava sendo produzido, classificando a cultura como baixa (tudo aquilo que for de cunho popular e comercial) e alta (as artes eruditas, refinadas e clássicas) (RÜDIGER, 2010).

A cultura de massas passou a ser difundida cada vez mais, principalmente com o surgimento de mídias, como o cinema, o rádio e a televisão (RÜDIGER, 2010). O engajamento para essa forma de cultura ocorre por sua formatação como entretenimento, numa sociedade cada vez mais atarefada e cotidianos acelerados, exigindo pouco esforço para ser absorvido e compreendido pelo espectador. Ou seja, um rápido caminho para obter a sensação de prazer (ADORNO, 2002)

Nesse sentido, Umberto Eco (1993) dialoga sobre os aspectos que compõem a cultura de massa e cultura popular (pop), a partir do consumo de setores como vestuário, lazer (música, leituras, filmes e programas de tevê) etc. comuns a grupos de indivíduos na sociedade. Com o advento da globalização, houve um processo de estreitamento cultural a nível mundial, passou a se fazer presente cada vez mais na rotina das pessoas, homogeneizando gostos a partir do consumo de entretenimento (DUARTE, 2014).

Desta forma, a cultura de massas vem constantemente desenvolvendo produtos e lançando tendências no mundo globalizado, com o surgimento de novos artistas, músicas, filmes e séries, e a constante atualização faz com que o espectador desfrute de um vasto leque de opções.

A série *The Handmaid's Tale*, por mais que seja inspirada no livro de 1985, despontou como um reflexo diante das mudanças sócio-políticas acarretadas por governos conservadores (como Trump, Putin, Bolsonaro e outros), indo de encontro com os anseios das pessoas que não concordam com o posicionamento desses governantes e buscam maneiras de gerar diálogos com o restante da sociedade. Isso, de certa forma, pode ser pontuado como um dos motivos da receptividade e visibilidade que a série recebeu desde sua estreia, caso contrário, o próprio mercado se encarregaria de pôr um fim, não indo além da primeira temporada, como tantas outras (WILLIAMS, 1992). Nesse sentido, deve haver uma compreensão sobre os aspectos que tornaram as séries um “fenômeno” atualmente, ditando tendências e influenciando concepções e comportamentos sociais. As séries se tornaram muito mais do que uma forma de entretenimento, passando a constituir a identidade dos sujeitos que acompanham assiduamente as produções.

AS SÉRIES NA ERA DO STREAMING

O cenário do consumo de entretenimento caseiro passou por bastante modificações, buscando a maior comodidade dos consumidores. No final da década de 80, com a popularização do VHS (*Video Home System*), surgiram as locadoras de filmes, disponibilizando títulos que foram recentemente exibidos nos cinemas. Nos anos 2000, houve a migração do VHS para o DVD, bem como sua popularização (ALVES; DIAS; NOGUEIRA, 2010). O que também possibilitou a expansão da pirataria, devido a comercialização de computadores mais avançados que possibilitavam o processo de replicação dos conteúdos (MORAES, 2010). Com o maior acesso das pessoas a internet e a dispositivos digitais, como tablets e smartphones, foram surgindo novas usabilidades visando a comodidade do usuário para consumir conteúdos e serviços.

Nesse sentido, o surgimento do *streaming*, ou seja, a disponibilização de diversos conteúdos mediante a assinatura por parte do usuário, funcionando como “locadoras virtuais” passaram a conquistar a preferência do público, devido a praticidade, não exigindo nenhuma forma física, ou armazenamento do dispositivo do usuário. O impacto gerado por esse tipo de serviço reflete diretamente em outros mercados, como os canais de TV por assinatura. Em 2018, nos Estados Unidos, os

números de assinaturas de *streaming* aumentaram 27% em relação ao ano anterior, superando os canais pagos, com queda de 2%⁵. Ainda há previsão de aumento nesses números, principalmente com a adesão de novas empresas ao novo modelo de negócio.

O constante crescimento de conteúdos disponibilizados nas plataformas de *streaming* criou um fenômeno chamado *cultura das séries*. Segundo Silva (2014), podemos compreender este evento a partir de três condições: forma, contexto e consumo. A primeira, refere-se à reconfiguração do formato e estilo em que as séries são produzidas, a narrativa. Já o contexto dialoga com as transformações digitais apontadas anteriormente, as modificações trazidas pela expansão do uso da internet, ampliando o número de consumidores. Por último, o consumo visa diretamente o engajamento com o público, utilizando táticas para fidelização e constante rememoração através de portais de notícias e fóruns voltados para os fãs (SILVA, 2014).

Deste modo, é possível observar um movimento de migração de roteiristas, diretores e atores de cinema para compor as séries, rompendo com a visão conservadora sobre a qualidade do cinema ser superior as produções televisivas (SILVA, 2014). Um exemplo disso são séries como: *Under The Dome* (2013), baseada no livro homônimo de Stephen King; *Smash* (2012), produzida por Steven Spielberg; *Downton Abbey* (2010), criada por Julian Fellowes; dentre diversas outras produções.

O acesso facilitado a diversos conteúdos, de maneira legal ou não, a partir da internet, implica diretamente na forma de consumo dos espectadores. As discussões geradas a partir das mídias sociais se tornaram uma grande vitrine para novas e antigas produções, sendo uma ferramenta para propagar sugestões. Esse engajamento é observado pelos canais e produtoras, conhecendo melhor a opinião de seu público, sabendo exatamente as demandas existentes, graças a inteligência vinculada aos algoritmos coletados de cada pessoa na web (SILVA, 2014).

A Netflix, tornou-se pioneira em seu segmento de mercado, sendo a maior referência até hoje de conteúdo audiovisual via *streaming*. Com o sucesso obtido, o surgimento de concorrentes foi apenas uma questão tempo: empresas como a Hulu, Amazon Prime, HBO Go, entre diversas outras. Este modelo de negócio tornou-se um movimento em constante expansão, passando os canais de televisão a investir em suas

⁵ <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,streaming-superou-tv-a-cabo-em-numero-de-assinaturas-em-2018,70002764862>. Acesso em: 25 out. 2019

próprias plataformas – um exemplo disso é a recente criação da Globo Play, da Rede Globo.

Na disputa de mercado, o processo de refinamento das produções está cada vez mais acirrado, indo além de grandes personalidades do cinema (atores, diretores, produtores e roteiristas), como já mencionado. A adaptação de obras literárias ganhou a preferência do público, como *The Man in The High Castle* (Philip K. Dick) pela Amazon Prime, *Game of Thrones* (George R. R. Martin) pela HBO, *Alias Grace* e *The Handmaid's Tale* (Margaret Atwood) pela Netflix e Hulu (respectivamente), dentre outras.

Nesse sentido, é notória a disputa de um mercado que está em constante ascensão, e, portanto, exige algumas táticas para garantir a diferenciação e preferência do público. É justamente neste domínio que as empresas estão investindo. As empresas deste ramo buscam explorar o ambiente virtual no qual estão inseridas, conhecendo melhor os gostos e comportamento de seus espectadores, principalmente através das informações concedidas (in)voluntariamente nas mídias sociais.

A partir destas noções passamos a compreender o fenômeno gerado pelo consumo de séries e produtos de entretenimento na atualidade, sendo de fundamental importância para analisar o sucesso e efeito causado nos espectadores da série *The Handmaid's Tale* e como isso reflete na realidade diante de um contexto de instabilidade política mundial.

A CONCEPÇÃO DE ATWOOD

A distopia escrita por Margaret Atwood e publicada em 1985, relata a história de uma sociedade em um futuro muito próximo, onde uma nova ordem que busca o controle máximo foi instaurado devido a problemas com o abastecimento de alimentos, conflitos políticos, problemas ambientais, e o principal deles, a infertilidade (consequentemente a baixíssima taxa de natalidade).

Neste cenário, acompanhamos a trajetória da personagem conhecida como Offred⁶, desde sua tentativa falha de fuga para o Canadá, até seus dias como serva na nova nação fundada após ataques terroristas que eliminaram os poderes políticos dos Estados Unidos, a República de Gilead⁷. A nova república consiste em um regime totalitário teocrático, ou seja, a nova constituição possui base no pentateuco bíblico, onde o controle sobre os indivíduos e suas ações é fortemente aplicado, havendo punições severas aos desobedientes. Além disso, conhecimentos científicos, artísticos e literários, assim como o uso de tecnologia, passaram a ser restringidos para a maioria da população, como forma de reestabelecer o contato com Deus, e resgate de antigos valores e formas de viver em sociedade (ATWOOD, 2017).

Uma das diversas medidas adotadas pelo novo governo foi a esquematização dos cidadãos em grupos sociais, determinados a partir do papel social cumprido no regime. Por mais que o governo seja regido unicamente por homens (patriarcal), a organização das mulheres em castas determina e distribui os papéis mais importantes para o funcionamento de Gilead, sendo elas Esposas, Tias, *Econoesposas*, Aias, Martas e Não-Mulheres⁸, cada uma delas é diferenciada através das cores e tecidos de suas vestimentas – vermelho para a Aia, azul para as Esposas, marrom para as Tias (ver figura 2), bege para as Marthas e listras para as *Econoesposas*. Os homens se organizam de acordo com o cargo desempenhado, sendo Comandante o mais alto, seguido por atribuições militares (Guardiões e Anjos), e *Econopessoas*⁹ (ATWOOD, 2017).

⁶ O nome é uma forma de trocadilho em inglês sendo “of” de/do e Fred o nome do comandante no qual a personagem está vinculado, ou seja “do Fred”. Além disso, dá ideia de “oferecida” ou “*offered*” em inglês.

⁷ Este nome é uma referência direta a uma região montanhosa presente na Bíblia, que significa “monte de testemunho”, no livro de Gênesis (31:25) e Números (32:1).

⁸ As Não-Mulheres são aquelas que não se encaixam em nenhuma das outras categorias, devido a fatores como ausência de marido, idade avançada, problemas de saúde, infertilidade, ou como punição por atos transgressores. Podem desempenhar papéis como Jezebels (acompanhantes em bordes “clandestinos”), ou trabalhar em campos de concentração lidando com materiais tóxicos.

⁹ As *econopessoas* são pessoas com cargos inferiores, sendo homens que prestam serviços para a sociedade que vão além da carreira militar ou gestão de Gilead, e conseqüentemente suas esposas.



Figura 2: Cena retirada da segunda temporada da série
Fonte: Vanity Fair

Dentro da série, acompanhamos a trajetória de June/Offred em Gilead, mesclando os episódios entre flashbacks anteriores a implementação do novo governo, e o presente da narrativa, já no período da teocracia. A personagem desempenha a função de Aia, ou seja, é uma das poucas mulheres que ainda conseguem engravidar, e não possuem um casamento legítimo de acordo com as novas leis (ATWOOD, 2017).

Algumas mudanças podem ser observadas entre a obra literária e a audiovisual, necessárias para estabelecer um maior diálogo com o público, devido as diferenças do suporte midiático. Um exemplo disso é a questão da temporalidade, no livro é retratado como um futuro não muito distante, enquanto a série apresenta uma realidade paralela a nossa atualidade. Outro exemplo é o maior destaque a personagens como Nick (motorista da família Waterford e amante da June), e Serena Joy (esposa para a qual a protagonista é incumbida de gerar um filho). Isso contribui inclusive para o prolongamento do enredo, possibilitando mais episódios e um desfecho diferente.

No ano de 2019, a produção apresentou ao público a sua terceira temporada, totalizando trinta e seis episódios, com uma hora de duração em média, cada. Já há divulgações da renovação para a quarta temporada, com estreia prevista para meados de 2020¹⁰. A repercussão positiva do programa e os fatos sócio-políticos conservadoristas

¹⁰ <http://www.adorocinema.com/noticias/series/noticia-149727/>. Acesso em: 01 nov. 2019.

serviram como inspiração para Margaret Atwood escrever a continuação de sua obra, publicado em setembro de 2019, intitulado “*The Testaments*”.

Nesse contexto, é notória a importância que *The Handmaid’s Tale* possui na atualidade, alinhando seu discurso a movimentos políticos que estão acontecendo pelo mundo, principalmente com a insurgência da “onda conservadora” (ou “maré azul”) que vem acometendo diversos países desde 2012 com Vladimir Putin a frente da Rússia, e posteriormente com a vitória de Donald Trump em 2016 nos EUA.

DA TELEVISÃO PARA AS RUAS

Em meado de 2017, acontecia a estreia da série *The Handmaid’s Tale*, sendo disponibilizada pela provedora de conteúdos *streaming*, Hulu LLC – fruto da parceria entre diversos canais e produtoras do conteúdo, como a BBC, *21st Century Fox*, *Time Warner*, NBC, *DreamWorks Animation*, dentre outras empresas. No final de 2017, a *The Walt Disney Company* passou a deter as ações majoritárias da empresa, como estratégia para somar conteúdo a plataforma *Disney+*¹¹.

Em seu ano de estreia, a primeira temporada rapidamente ganhou destaque ao ser uma das séries mais indicada a premiações (ver figura 3), como o *Emmy Awards* (13 indicações e 8 vitórias), *Globo de Ouro* (3 indicações com 2 vitórias) e *Critic’s Choice Television Awards* (3 indicações e vitórias). *The Handmaid’s Tale* se tornou a primeira série unicamente exibida em uma plataforma online a ganhar o Emmy de melhor drama.

¹¹<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/03/20/disney-conclui-compra-da-21st-century-fox-por-us-71-bilhoes.ghtml>. Acesso em: 30 out. 2019.



Figura 3: Atrizes de *The Handmaid's Tale* com as estatuetas do Emmy
Fonte: Portal El País

Dessa forma, vale ressaltar a importância das premiações ganhas por *The Handmaid's Tale*, além das mídias sociais. Rapidamente a série passou a fazer parte da cultura pop, sendo referenciada para situações sócio-políticas que geram indignação por parte das pessoas. Esses fatores contribuíram para a renovação da série para a segunda temporada, gerando uma grande expectativa no público, principalmente pelo desprendimento do enredo com a obra literária original.

O conteúdo abordado pela produção dialogou diretamente com o momento sócio-político enfrentado nos Estados Unidos após as eleições de 2016, que garantiu a vitória à Donald Trump. Desde o período de pré-candidatura, o até então candidato havia adotado uma postura altamente conservadora, com propostas polêmicas e desprezo pelas causas das minorias. Diante desse contexto, manifestantes feministas passaram a protestar contra Donald Trump, devido as afirmações misóginas por ele proferidas. Os atos ficaram conhecidos por *Women's March*¹², ou Marcha das Mulheres, realizadas como uma forma de demonstrar a indignação, o não silenciamento e convocar demais mulheres para aderirem a causa, como a afirmação dita por Angela Davis em outro ato realizado em 2018: “*esta é uma Marcha das Mulheres e ela*

¹²<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/01/1952081-marcha-das-mulheres-atrai-milhares-em-cerca-de-250-cidades-dos-eua.shtml>. Acesso em: 20 out. 2019.

representa a promessa de um feminismo contra o pernicioso poder da violência do Estado...”¹³.

Os assuntos abordados dentro da trama partem de questões políticas ligadas ao papel feminino na sociedade, direitos sobre o corpo das mulheres, indo a demais assuntos como um conservadorismo desacerbado que visa obter o maior controle sobre as ações dos cidadãos, eliminação de outras formas de governo, ou seja, o fim de uma democracia, além de abordar a insegurança, o medo, as segregações e demais artifícios que contribuam para manter um regime totalitário. Nesse sentido, vale ressaltar que a semelhança existente no contexto real e na obra fictícia de Margaret Atwood se deve justamente pela inspiração da autora em eventos históricos já presenciados pelo mundo, sendo: regimes totalitários, como o nazifascismo; guerras e conflitos políticos, como Guerra Fria e Revolução Iraniana; conservadorismo religioso, como a Inquisição Espanhola e o Puritanismo Americano; dentre outros fatos. A autora define sua obra como uma “ficção especulativa”¹⁴, por não considerar como algo impossível de se tornar realidade.

Um outro ponto que deve enfatizado na série é a produção: Bruce Miller, como produtor executivo, faz parte da equipe de roteiristas e é o idealizador do projeto de adaptação do livro em série. Miller é conhecido por seus trabalhos anteriores também para televisão, como *Eureka*, *The 100*, *ER (Plantão Médico)*, entre outros programas.

Em entrevistas fornecidas a portais de notícia¹⁵, Bruce menciona alguns fatos que contribuem para a construção da nova adaptação de *The Handmaid's Tale*, como o diálogo com questões políticas e na experiência e na dor de ser mulher. Sua inspiração para a escrita começou em um período anterior as eleições primárias nos EUA, que consiste na votação dos candidatos que irão concorrer ao cargo de presidente pelos partidos democrata e republicano norte-americano. A questão política se aproximando fez com que o produtor refletisse sobre o funcionamento do Estado e governo. Diante disso, as preocupações de Bruce se centraram em torno da experiência do espectador ao

¹³https://www.huffpostbrasil.com/2018/01/19/a-forca-politica-da-marcha-das-mulheres-contradonald-trump-vai-tomar-as-ruas-novamente_a_23338441/. Acesso em: 20 out. 2019

¹⁴ <https://www.teenvogue.com/story/margaret-atwood-the-handmaids-tale-interview>. Acesso em: 21 out. 2019

¹⁵<https://www.independent.co.uk/arts-entertainment/tv/features/the-handmaids-tale-season-3-elisabeth-moss-bruce-miller-margaret-atwood-channel-4-a8952141.html>. Acesso em: 22 out. 2019.

assistir a série. Por mais que as temáticas abordadas dentro da distopia causem controvérsia, isso não pode afetar o conteúdo e sua receptividade no público, ao contrário, tem que despertar a sensação de querer continuar assistindo os próximos episódios e saber os desfechos.

Além disso, ainda foi mencionado a busca por inserir sempre pessoas novas na equipe de roteiro a cada nova temporada, alguém que tenha assistido a série e que possa contribuir para a construção dos novos episódios. Há também a preocupação ao retratar cenas que envolvam estupro, tortura, prisão etc., contando com a presença de especialistas, além da realização de pesquisas, tanto para não fugir do contexto da realidade, quanto para não ser agressivo e “indigesto” para o público.

O público ainda conta com elementos convidativos como a fotografia que compõe a série, na utilização de cores sóbrias e frias que ao mesmo tempo são contrastadas com o vermelho sangue da roupa das Aias (ver figura 4). Além disso a representatividade feminina ocorre desde a concepção, contando com a consultoria da própria Margaret Atwood, além de uma equipe de roteirista de maioria feminina, bem como a direção dos episódios.



Figura 4: Cena da segunda temporada da série

Fonte: <https://bit.ly/2WfoOHc>

Dessa forma, deve-se enfatizar também a presença da atriz Elisabeth Moss, que ficou conhecida por seu papel na série *Mad Men* (2007), conquistando fãs e admiradores de seu trabalho. A atriz, que já se posicionava a favor do direito de a mulher intervir sobre seu próprio corpo, passou a desempenhar um papel de ativismo feminino

atualmente, principalmente motivada pelo cenário político dos EUA e pelo seu papel na série, como ela menciona em entrevista à revista Marie Claire¹⁶, em 2018:

As fronteiras entre realidade e ficção são muito mais borradas do que com qualquer outro personagem que já vivi. Mas também é um tanto catártico pegar um pouco da raiva e da frustração que sinto como cidadã e transformar essa energia em um trabalho que acredito.

Nesse sentido, podemos alegar que *The Handmaid's Tale* possui diversos fatores que contribuem para a sua repercussão e a adesão do público, trabalhando diretamente com a experiência deste, sendo a série uma espécie de “extensão caótica da realidade”, onde pensamentos políticos extremistas podem ser pautados a fim de gerar uma reflexão no público através do entretenimento. É notória a preocupação da mensagem a ser transmitida pelo produtor e sua equipe, além dos próprios atores, principalmente tendo em vista a utilização massiva das ferramentas digitais, como as mídias sociais, além do momento delicado sócio-político que está sendo enfrentado por diversos países, não apenas se limitando aos EUA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação da obra “O Conto da Aia” no formato de série surgiu em um contexto de instabilidades sócio-políticas a nível mundial, devido a incidência de governos e representantes políticos com viés conservadorista. Tal fato tem representado, na atualidade, uma ameaça as lutas e conquistas de grupos e movimentos sociais, como o movimento feminista, o movimento negro e a comunidade LGBTQ+. Além disso, tem se configurado como um potencial perigo à liberdade, sobretudo, a censura de expressões, opiniões, sentimentos e manifestações, por parte dos civis e de veículos de comunicação.

Nesse sentido, tanto Bruce Miller, quanto Margaret Atwood, comentaram em entrevistas que se inspiraram em notícias sobre o fortalecimento do fascismo em alguns países, principalmente nos Estados Unidos, servindo como base na construção do roteiro de adaptação das temporadas da série, e da narrativa para a continuação do livro de *The Handmaid's Tale*. O diálogo entre a ficção e realidade atrai a atenção do público,

¹⁶ <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2018/10/elisabeth-moss-compara-handmaids-tale-aos-dias-atuais-nao-imaginava-que-precisariamos-nos-agarrar-novamente-causas-feministas-como-nos-ultimos-tempos.html>. Acesso em: 22 out. 2019.

por apresentar fatos extremos, porém possuindo embasamento em situações que já aconteceram ou que estão acontecendo na sociedade.

Por mais que o principal intuito das séries de televisão seja o entretenimento, cada vez mais podemos observar esses produtos como incitadores de debates sobre temas diversos, a citar como exemplos a primeira temporada de *13 Reasons Why* (2017) e sua temática sobre suicídio e distúrbios emocionais na vida de um adolescente, ou a série *Black Mirror* (2011-atual), que aborda a consciência do uso das tecnologias e suas implicações no cotidiano dos indivíduos. As séries, notadamente as norte-americanas, são sintomas de uma ideologia que perpassa o mundo contemporâneo, visando desde a venda de tendências e produtos de *merchandising*, até o diálogo com questões sociais recorrentes que rendam visibilidade (JOST, 2012).

Devido a boa receptividade da primeira temporada, os produtores buscaram elevar o teor crítico na produção dos novos episódios de *The Handmaid's Tale*. A terceira temporada (2019) apresentou ao público o possível início de uma revolução em Gilead, através do slogan “*blessed be the fight*” (“bendita seja a luta”), sendo trocadilho com uma frase mencionada pelos personagens na trama, “*blessed be the fruit*”¹⁷. Além disso, houve a divulgação na internet de uma imagem promocional, recheada de elementos intertextuais¹⁸, deixando “pistas” sobre o desenvolvimento da nova temporada (ver figura 5).

¹⁷ “Bendito seja o fruto”, sendo uma passagem bíblica do livro de Lucas (1,39-45): “bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre”, dito por Isabel a Maria enquanto gestava Cristo.

¹⁸ A protagonista em frente a uma escultura de asas de mármore, fazendo referência a deusa grega Nice (Vitória) do Museu do Louvre, ou também como uma espécie de arcanjo justiceiro, devido ao seu semblante transmitindo extrema seriedade.



Figura 5: Imagem promocional da terceira temporada
Fonte: <https://bit.ly/2VrY2gd>

Desta forma, a série, e principalmente a caracterização de Aia, tornaram-se o simbolismo de luta e resistência diante do assombroso conservadorismo pairando sobre diversas nações. O traje inteiramente vermelho por si só consegue transmitir os valores citados, fazendo com que ele não seja uma mera fantasia no mundo real. Inclusive em diversas situações da utilização errônea do mesmo, houveram repúdio por parte do público na *internet*, como no caso da festa temática da socialite Kylie Jenner¹⁹. O uso da vestimenta se adequa a situações de manifestações e atos políticos que dialoguem com o enredo da trama, como os já citados *Women's March*, *#Metoo* e os protestos a favor da descriminalização do aborto.

Por fim, a somatória de todos os elementos discutidos nesse estudo resulta no fenômeno que a série cria em torno de si, agregando vozes e discursos de resistência, indignação e luta por direitos igualitários às minorias sociais, sobretudo, a de direitos feministas. Além de ser uma forma de propagação/compartilhamento desses aspectos a uma maior quantidade de pessoas, tendo em vista que a maioria do público consumidor da série, concorda com a ideologia antifascista e de combate ao conservadorismo político difundido pelo enredo de *The Handmaid's Tale*.

¹⁹ <https://oglobo.globo.com/celina/kylie-jenner-recebe-criticas-por-fazer-festa-com-tema-the-handmaids-tale-23729943>. Acesso em: 29 dez. 2019.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ALVES, Simone; DIAS, Pedro Ivo Rogedo Costa; NOGUEIRA, Antonio Roberto Ramos. NetMovies: Aluguel de Filmes em Tempos de Pipoca Virtual. In: **XXXIV ENCONTRO DA ANPAD**, 34., 2010, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Anpad, 2010. p. 1 - 17. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/53/epq2206.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2020.
- ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 2017.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fones, 1994.
- DUARTE, Rodrigo. **Indústria cultural e meios de comunicação**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- EAGLETON, Terry. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: Editora UNESP: Editora Boitempo, 1997.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.
- JOST, François. **Do que as séries americanas são sintomas?**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Estetização do Mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MORAES, Cândida Maria Nobre de Almeida. **Pirataria no ciberespaço**: como a lógica da reprodutibilidade industrial disponibilizada pelas novas tecnologias afeta a própria indústria. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4460>>. Acesso em: 26 out. 2019.
- RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt e os estudos da mídia. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera. **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SILVA, Marcel Vieira Barreto. Cultura das séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade. In: **Galáxia**, São Paulo, v. 14, n. 27, p.241-252, Junho de 2014.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.



**TROPOS:
COMUNICAÇÃO,
SOCIEDADE E CULTURA**

ISSN 2358-212X

Recebido em 04 de dezembro de 2019
Aprovado em 29 de março de 2020